XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

CONTANDO UMA HISTÓRIA: A PRÁTICA DA PETECA EM BELO HORIZONTE (1940-1980)

Ana Paula Guimarães Almeida[1]
Renato Machado dos Santos[2]

RESUMO

Este trabalho integra o projeto de pesquisa "Coleção História Oral: Memória de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1980)", continuidade do projeto "Eu vou te contar uma história... Memórias de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1970)", desenvolvido pelo CEMEF/EEFFTO/UFMG. Buscamos ampliar e qualificar as ações de recuperação da memória dos Esportes e Ruas de Recreio realizados em Minas Gerais entre 1940 e 1980. Foram definidos os eixos temáticos: Ruas de Recreio, Futebol de Salão e Peteca. Para este artigo nos deteremos neste último. Várias etapas constituíram esse estudo. Primeiramente, identificamos os vários sujeitos envolvidos na prática da Peteca e realizamos reuniões de estudo sobre a história da cidade, história oral, história/historiografia e Peteca. Baseados no referencial teórico estudado, elaboramos o roteiro de entrevista. Este norteou esse processo que foi gravado digitalmente e posteriormente transcrito. Esse estudo permite aos atores sociais da Peteca reproduzir suas versões acerca da história dessa prática. Possibilita ainda a consolidação da Coleção História Oral no Centro de Memória, visando ampliação, ordenamento e divulgação deste acervo, de modo a disponibilizar novas fontes para pesquisas futuras, no que condiz à prática da Peteca em Belo Horizonte.

Palavras-chave: *Esporte, Peteca, História Oral.*

ABSTRACT

This study is part of the research project "Oral history collection: Memories of Sports and Recreational Streets (1940-1980)", it is a continues of another one calling "I will tell you a story…Memories of Sports and Recreational Streets (1940-1970)", developed in 2008/2009, by CEMEF/EEFFTO/UFMG. We are trying to expand and qualify the actions of recover the Sports and Recreational Street memory realized in Minas Gerais, between 1940-1980. It was divided in three themes: Recreational Streets, Indoor football and shuttlecock. For this article the last one will be explore. This is study is constituted by several stages. First of all, we had identify many involved subjects in the shuttlecock practice and we had realize study meetings about the city's history, oral history, history/historiography and shuttlecock. We had prepared the interview guide based on the theoretical studies. This would orientation the realized interviews with the shuttlecock involved subjects. This process was digitally recorded and later transcripted. This research allows the shuttlecock social actors reproduce their versions about those practice's history. It allows the consolidation of Oral History Collection at the Memory Center, expanding, ordering and

[1] Estudante de Licenciatura em Educação Física (EEFFTO/UFMG) e bolsista de Iniciação Científica do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer.
[2] Professor de Educação Física no Colégio Santo Agostinho e Mestre em Lazer pela EEFFTO/UFMG.

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

disseminating documental and digital collection. This also provides new sources for future researches, about the shuttlecock practice in Belo Horizonte.

Key-words: *Sport, Shuttlecock, Oral History.*

RESUMEN

Este trabajo integra la investigación "Colección Historia Oral: Memoria de Deportes y Calles de Recreación (1940-1980)", continuidad del proyecto "Te voy a contar una historia... Memorias de Deportes y Calles de Recreación (1940-1970)", desarrollado por el CEMEF/EEFFTO/UFMG. Buscamos ampliar y calificar acciones de recuperación de la memoria de los Deportes y Calles de Recreación en Minas Gerais entre 1940 y 1980. Han sido definidos ejes temáticos: Calles de Recreación, Fútbol de Salón y Peteca. Para este artículo abordamos este último. Primero hemos identificado los varios sujetos involucrados en la práctica de Peteca y hemos realizado reuniones de estudio sobre la historia de la ciudad, historia oral, historia/historiografía y Peteca. Basados en el referencial teórico estudiado hemos elaborado el guión de entrevista. Esto nortearía ese proceso que ha sido grabado de manera digital y después transcrito. Ese estudio permite a los actores sociales de la Peteca reproducir sus versiones acerca de la historia de esa práctica. Y también la consolidación de la Colección Historia Oral en el CEMEF, visando ampliación, planificación y divulgación del acervo de modo a poner disponible fuentes para pesquisas futuras que condice a la Práctica de la Peteca en Belo Horizonte.

Palabras-llave: *Deporte, Peteca, Historia Oral.*

Apresentação

Este trabalho, financiado pela Rede CEDES – Ministério do Esporte integra um projeto de pesquisa mais amplo denominado "Coleção História Oral: Memória de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1980)"[3]. Tal projeto se constitui como continuidade da pesquisa "Eu vou te contar uma história... Memórias de Esportes e Ruas de Recreio (1940-1970)" que foi desenvolvido de 2008 a 2009, pelo Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF), sediado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da UFMG.

Temos por objetivo ampliar e qualificar as ações de recuperação da memória relativa aos Esportes e às Ruas de Recreio que foram realizados em Minas Gerais no período entre 1940 e 1980. Buscamos, com isso, ordenar e publicizar o acervo documental e digital do Centro de Memória, democratizando o acesso, de modo a possibilitar novas frentes de pesquisa e investigação, bem como disponibilizar virtualmente para a comunidade em geral os documentos e fontes que compõem o acervo do CEMEF. Para o melhor desenvolvimento desse estudo mantivemos, por entender que havia questões que não

[3] Coordenadores: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (DEF/EEFFTO/UFMG) e Profa. Ms. Kellen N. Vilhena (RME-BH). Bolsista de Apoio Técnico: Profa. Cássia Danielle M. D. Lima. Pesquisadores envolvidos: Ana Paula G. Almeida, Profa. Gabriela V. Arantes, Prof. João C. Fernandes, Prof. Ms. Joélcio F. Pinto (PUC/MG), Lorena V. R. da Silva, Prof. Ms. Renato M. dos Santos.

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

puderam ser respondidas anteriormente, os três eixos temáticos definidos no projeto precedente: Ruas de Recreio, Futebol de Salão e Peteca[4], sendo este último, o objeto de análise deste artigo.

Neste projeto foram realizadas entrevistas com outros personagens da história da Peteca, alguns foram indicados nas entrevistas realizadas anteriormente, e trazem contribuições para a compreensão dessa manifestação no estado de Minas Gerais como um todo, e na sua capital, de modo particular, por meio da "escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências" (THOMPSON, 2002).

Após identificarmos as pessoas envolvidas, estabelecemos contato com elas a fim de colher depoimentos orais. Assim, foi possível conhecer as várias versões existentes sobre essa prática, possibilitando àqueles que participaram ativamente dessa trama a oportunidade de contar sua versão**.** Além disso, algumas delas disponibilizaram documentos que contribuíram para a pesquisa, dentre eles: fotografias, filmes, documentos tridimensionais, textos, manuais, registros de imprensa, etc. Alguns desses recursos já foram doados ao CEMEF pelos entrevistados na pesquisa anterior, o que possibilitou a ampliação do nosso acervo e a criação de fontes para estudos futuros. Com a presença de novos entrevistados estamos ampliando esse acervo e consolidando, assim, uma coleção específica no nosso Centro de Memória, a Coleção História Oral.

Com essas ações, temos o intuito de implementar no CEMEF um processo sistemático de organização da memória da Peteca em Belo Horizonte, adotando um percurso não celebrativo e sim um caminho capaz de privilegiar a experiência dos praticantes cotidianos e ordinários nas décadas de 1940 a 1980.

Para a realização das entrevistas realizamos semanalmente reuniões de estudo sobre história oral, história/historiografia e Peteca visando a qualificação dos pesquisadores e de suas ações. Estudamos ainda a história de Belo Horizonte na temporalidade pesquisada, buscando uma compreensão mais apurada acerca das atividades que ocorriam na cidade naquele período, tentando, assim, tomar conhecimento da ambiência em que se deu essa prática. Conhecendo a rotina da cidade, as formas de deslocamento, os espaços de lazer, os clubes em funcionamento, a localização das quadras de peteca, etc. Isso também foi possível perceber nos depoimentos orais, nos quais os colaboradores nos davam detalhes da organização da cidade e das suas práticas cotidianas. Pudemos, dessa forma, apreender um pouco do que era viver em Belo Horizonte no período estudado.

Todas as entrevistas realizadas foram gravadas digitalmente[5], guardando registros e produzindo fontes que poderão ser consultadas no acervo do CEMEF por pesquisadores interessados em conhecer mais essa prática.

Apresentando os entrevistados

Neste projeto foram realizadas seis entrevistas com sujeitos praticantes de peteca. Consideramos salutar dizer do lugar que falam esses depoentes antes de tratarmos das questões trazidas por cada um deles. Assim, passaremos rapidamente por suas trajetórias de vida, suas relações com a peteca e seus diferentes tipos de atuação no meio esportivo (ARANTES, 2010).

[4] Esse eixo ficou sob a responsabilidade dos pesquisadores Ana Paula G. Almeida e Prof. Ms. Renato M. dos Santos.
[5] Para o registro das entrevistas utilizamos um gravador digital e uma câmera de vídeo.

O primeiro entrevistado, o Sr. Inimá Rodrigues Souza[6], 71 anos de idade, já havia contribuído como depoente na pesquisa anterior e essa segunda entrevista nos ajudou a confirmar algumas informações emitidas por ele, anteriormente, e por outros sujeitos.

O Sr. Inimá nasceu na região do Vale do Jequitinhonha e veio para Belo Horizonte em meados da década de 1960, quando começou a praticar Peteca no Parque Municipal e em outras áreas públicas e recreativas de Belo Horizonte. Em meados de 1970 já se encontrava envolvido com eventos relacionados à Peteca na função de diretor da recém-criada Federação Mineira de Peteca (FEMPE)[7]. Na década de 1980, com o surgimento do *Campo do Lazer*, um espaço público destinado à prática esportiva e de lazer na cidade, o Sr. Inimá passou a praticar o esporte neste local, onde disputava torneios e campeonatos. Atuou como presidente da FEMPE e durante seu mandato foi um dos responsáveis pela criação da Confederação Brasileira de Peteca (CBP)[8] cuja sede fica em Belo Horizonte. Atualmente é praticante da modalidade no Olímpico Clube, no bairro Serra.

O segundo entrevistado, o Sr. Carlos Rogério Teixeira[9], apelidado por "Canela", foi o nosso mais jovem entrevistado, com 50 anos de idade. Foi jogador de vôlei de areia e iniciou a prática da Peteca aos 28 anos por insistência de alguns amigos. No final da década de 1980 frequentou o *Campo do Lazer*, onde participou de diversos campeonatos, dentre eles a Copa do Povo, que reunia diversas modalidades, e a Copa Itaú de Peteca, um dos maiores eventos dessa prática. Atualmente, é árbitro da FEMPE e praticante de Peteca, disputando torneios, estaduais e nacionais.

O terceiro entrevistado, o Sr. Milton Henrique Bento Faria[10], 84 anos, foi indicado por Ronaldo Medeiros em uma entrevista realizada para a primeira pesquisa, em 2009. Nas décadas de 1950 e 1960 trabalhava como professor de Português na Academia Militar do Exército Brasileiro, no estado do Rio de Janeiro, e transferiu-se para o Colégio Militar de Belo Horizonte em meados de 1960. Nessa época conheceu sua esposa, a Sra. Marluce Monteiro Horta, de 67 anos, professora de Português do Colégio Loyola, onde ele também trabalhou. Foi nesse período que conheceram a Peteca, no Clube Jaraguá, e começaram a praticá-la. Ele atuou como presidente da Federação dos Clubes do Estado de Minas Gerais (FECEMG), criada em junho de 1973, e durante seu mandato, nessa mesma década, foi o responsável por mobilizar a esportivização da Peteca junto ao Conselho Nacional de Desportos (CND) e passou a ser chamado por seus pares como o "Coronel da Peteca". A Sra. Marluce teve um papel essencial durante a entrevista mediando nossa interlocução com seu esposo, que atualmente está com a saúde debilitada. Essa entrevista se tornou singular pelo envolvimento da esposa do entrevistado, que trouxe elementos importantes para entendermos a participação feminina na Peteca. Até o ano de 2008 eles ainda praticavam Peteca no Clube Jaraguá, mas se viram obrigados a paralisar a prática devido ao estado de saúde do Sr. Milton.

---

[6] Essa entrevista foi realizada no dia 06 de setembro de 2009 durante o Campeonato Brasileiro de Peteca, no Praia Clube de Uberlândia/MG. Entrevistador: Renato Machado dos Santos.

[7] A Federação Mineira de Peteca foi a primeira federação da modalidade a ser instituída, ato ocorrido em 14 de julho de 1975.

[8] A Confederação Brasileira de Peteca foi fundada no ano 2000, na cidade de Uberlândia/MG.

[9] Essa entrevista foi realizada também no dia 06 de setembro de 2009 durante o Campeonato Brasileiro de Peteca, no Praia Clube de Uberlândia/MG. Entrevistador: Renato Machado dos Santos.

[10] Essa entrevista foi realizada no dia 03 de setembro de 2010, na casa do entrevistado. Entrevistadores: Renato Machado dos Santos e Ana Paula Guimarães Almeida.

O Sr. Francisco Viotti[11], hoje com 76 anos de idade, foi o nosso quarto entrevistado. É empresário e foi jogador de basquetebol do Minas Tênis Clube (MTC). Conheceu o jogo de Peteca na praia de Meaípe, no Espírito Santo, no início da década de 1970. Segundo ele, "o Sr. Enéas Nóbrega de Assis Fonseca e o Sr. Maurício Mendes Campos apareceram com uma peteca e pediram para usar a rede de vôlei" de seu grupo e os convidaram a jogar. Eles gostaram do jogo e o trouxeram para o Clube Quinze Veranistas, em Belo Horizonte, na mesma década, dando início à prática no Clube, localizado na região da Pampulha.

O Sr. Ricardo César Assis[12], 72 anos, foi o nosso quinto entrevistado. Essa entrevista se fez necessária por ele ser filho do Sr. Enéas Nóbrega de Assis Fonseca, considerado como o precursor da Peteca em Belo Horizonte, na década de 1940. Desde criança, com cinco anos de idade, o Sr. Ricardo César freqüentava o Iate Golf Clube, atual Iate Tênis Clube, acompanhando seu pai aos jogos de Peteca e aos treinos de remo. Foi jogador de tênis no MTC e também jogador de Peteca em diversos clubes de Belo Horizonte, como o MTC, Quinze Veranistas, Clube Campestre, Country Clube, Iate Golf Clube, Pampulha Iate Clube, Jaraguá Country Club, Clube Mackenzie e Olímpico Club. Atualmente é engenheiro metalúrgico aposentado, jogador de tênis e, às vezes, de Peteca.

O sexto e último entrevistado, o Sr. Gil Piroli, com 76 anos de idade, foi indicado pelo entrevistado Sr. Francisco Viotti, que considerou que ele poderia nos dar informações importantes por conter um acervo fotográfico sobre Peteca. Eles eram companheiros no vôlei de areia, em Meaípe/ES, na década de 1970, local e data em que conheceram a prática de Peteca. O Sr. Piroli foi presidente do Clube Quinze Veranistas na década de 1980 e atualmente é praticante de Peteca no Clube e professor aposentado pela Faculdade de Arquitetura da UFMG.

Um cenário específico: a cidade de Belo Horizonte

Para contarmos uma versão histórica acerca da modalidade Peteca em Belo Horizonte é importante contextualizar como a cidade se organizava nas décadas de 1940 até 1980. Faz-se necessário, portanto, conhecer um pouco do período em que nossos entrevistados viveram a prática desse esporte na cidade.

Segundo De Paula & Monte-Mór (2004), Belo Horizonte nasce em 1897 numa tentativa de manter com os ideais republicanos que surgiram naquele período. Trata-se então, de uma cidade relativamente recente e que viveu uma série de mudanças ao longo dos pouco mais de cem anos, se tornando uma grande metrópole.

Na década de 1940 a cidade já contava com mais de 200 mil habitantes, número máximo previsto inicialmente, passando, então, por uma reestruturação urbana. Neste período inicia-se o processo de industrialização da cidade, com a implantação da Cidade Industrial. É neste momento também que surge o Complexo Arquitetônico da Pampulha, "encomendado por Juscelino Kubitscheck a Oscar Niemeyer"[13].

[11] Essa entrevista foi realizada no dia 10 de setembro de 2010, no espaço interno do Clube Quinze Veranistas. Entrevistador: Renato Machado dos Santos.
[12] Essa entrevista foi realizada no dia 24 de setembro de 2010, no espaço interno do Minas Tênis Clube. Entrevistador: Renato Machado dos Santos.
[13] Ricardo César Assis. Depoimento Oral. 2010

Thaís Pimentel (1997, p.61) afirma que este complexo se configurou como um "marco administrativo e urbanístico sem precedentes".

É necessário destacar que nesse período os meios de transporte não abrangiam todo o território belo horizontino, além de serem morosos. Assim, o deslocamento das pessoas pela cidade era, de certa forma, limitado. De acordo com o depoente Sr. Ricardo César era muito difícil chegar à região da Pampulha, onde estava localizado o Iate Golf Clube porque era "*longe demais*".

A partir da década de 1950 começa-se a surgir as grandes obras de infra-estrutura e o setor de serviços se qualifica para atender à população, que continua aumentando. Neste momento, ainda de acordo com Pimentel (1997), a cidade passa por uma enorme expansão dos serviços urbanos e as palavras de ordem para seu desenvolvimento são progresso e modernização. Até a década de 1980, a cidade se consolida em um pólo econômico dinâmico, crescendo econômica e demograficamente de forma significativa e vai se caracterizando em uma metrópole moderna, o que intensifica, porém, desigualdades sociais, como nos aponta por De Paula & Monte-Mór (2004).

Essa é, de forma bastante resumida, a Belo Horizonte na qual os nossos entrevistados viveram sua juventude. Agora iremos contar suas versões da história da Peteca a partir de suas práticas neste contexto belo horizontino.

Esboçando uma versão histórica para a esportivização da Peteca

Sabemos que indicar uma data fixa para marcar o surgimento, ou apontar uma pessoa para assumir o papel de criador de qualquer modalidade esportiva é uma tarefa impossível. Podemos dizer, inclusive, de acordo com Marc Bloch (2002), que não se configura mais como objeto da história a tarefa de encontrar uma origem ou um criador para determinado fenômeno. Entretanto, com os dados obtidos a partir das entrevistas realizadas e da bibliografia consultada, foi possível fazer um cruzamento dessas fontes e com isso percebemos recorrências que nos permitem direcionar a escrita de uma versão da história da esportivização da Peteca.

Assim, podemos apontar o pioneirismo mineiro no processo de esportivização deste jogo. Os primeiros jogos que temos notícia tiveram início no Iate Golf Clube em 1943, por seus praticantes de remo. De acordo com as fontes analisadas, orais e escritas, podemos afirmar que o Sr. Enéas Nóbrega de Assis Fonseca foi uma figura importante no desenvolvimento dessa modalidade, já que ele aparece como o responsável por ter trazido a Peteca para o Iate, naquele ano.

De acordo com relatos do Sr. Ricardo César, por volta de 1954 houve a queda da barragem da Lagoa da Pampulha o que tornou o acesso à região mais difícil. Sendo assim, o Sr. Enéas, como sócio e diretor social do Minas Tênis Clube (MTC), obteve uma licença deste Clube permitindo que seus companheiros do Iate utilizassem as quadras do MTC para praticar Peteca. O MTC era localizado em uma região mais povoada e por isso de mais fácil acesso pela população.

Em seu depoimento o Sr. Ricardo César afirma que:

> "Esse rompimento da barragem se deu por volta de 1954 quando ele [seu pai, Enéas Nóbrega] já tinha um círculo de amizade muito enorme em Belo Horizonte desde a fundação do Minas [Tênis Clube], e ele era diretor social do Minas [...]. Então meu pai [...] virou para o presidente e falou: 'Olha, nós estamos enfrentando um problema muito sério, eu tenho uma turma de sócios do Iate [Golf Clube],

> jogamos lá e praticamos Peteca, que é um **jogo extremamente agradável e não vai competir com nenhum esporte do Minas**, e eu preciso que vocês concedam uma área para eu fazer um campo aqui, porque os nossos colegas já estão desistindo de ir ao Iate.' Ninguém ia mais. O Iate estava fechado". [grifo nosso]

Com isso, os sócios do Iate passaram a freqüentar o MTC, alguns como sócio-quotistas e outros foram convidados a disputarem pelo Minas e se tornaram sócio-atletas, como o Sr. Nilton Amantéa[14]. Essa ida da Peteca para o MTC gerou um novo impulso ao seu desenvolvimento, já que ali seria possível sua prática por outras pessoas.

Quanto ao trecho grifado, podemos notar um interesse do Sr. Enéas na divulgação da peteca deixando claro o que ele via como qualidade dessa modalidade. Usa desse artifício como forma de convencimento da diretoria do clube para permitir o acesso dos petequeiros no local, e consequentemente, a entrada da Peteca naquele Clube. Neste trecho da entrevista podemos perceber, ainda, a importância do Sr. Enéas Nóbrega como *mediador cultural*[15], visto que, com suas ações garantiu o trânsito da Peteca entre dois universos. O incentivo à prática em Meaípe, citada anteriormente, também se deu pela intervenção de Enéas.

Neste mesmo período, em meados da década de 1950, podemos apontar um início de disseminação da prática da Peteca para outros clubes sociais de Belo Horizonte. Não sabemos ao certo como se deu essa dispersão, mas a partir das fontes analisadas, podemos sugerir duas hipóteses. A primeira delas é o fato de as pessoas, nessa época, não freqüentarem, necessariamente apenas um clube, podendo vir a praticar as mesmas modalidades em clubes distintos. A maioria de nossos depoentes, por exemplo, afirma ter praticado Peteca em diversos clubes de diferentes regiões de Belo Horizonte em uma mesma época: Iate Golf Clube, Minas Tênis Clube, Quinze Veranistas, Clube Campestre, Country Clube, Pampulha Iate Clube, Jaraguá Country Club, Mackenzie e Olímpico Club. Além disso, citamos também a prática sistematizada em quadras particulares, como é o caso da Quadra do Henrique Bertholino. Localizada no Bairro São Bento, é uma das primeiras quadras cobertas de Peteca da capital, agregava praticantes de ambos os sexos e foi responsável por sediar campeonatos da modalidade. No local está sendo construído um Centro de Memória para guardar a memória desses campeonatos que ocorriam desde a década de 1960[16].

Outra hipótese, que não deixa de dialogar com a primeira, é o fato de que com a ida da peteca para o MTC, que possuía maior freqüência de público, mais pessoas poderiam vir a tomar conhecimento da prática e, assim, adquirir gosto pelo esporte. Além disso, devemos considerar que as regras do jogo, "pouco dinâmicas", como citado pelos entrevistados, tornavam as partidas demoradas. Dessa forma, o rodízio entre os participantes era reduzido, assim, alguns desistiam de esperar e se sentiam mais à vontade para levar a prática para outros clubes de menor demanda, contribuindo assim para o movimento de entrada da Peteca em outros clubes de Belo Horizonte.

---

[14] O Sr. Nilton Amantéa praticou peteca entre as décadas de 1950 e 1980 e foi um dos nossos entrevistados no projeto anterior.

[15] *Mediador cultural* é entendido aqui como aquele sujeito que possibilita, por meio de suas relações sociais e da dissolução das fronteiras culturais, o tráfego de fragmentos de um universo a outro. Ver SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. Cativos da Arte, Artífices da Liberdade: A Participação de Escravos Especializados no Barroco Mineiro. *In:* PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira. (Orgs.) *Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas.* São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Pós-Graduação/História - UFMG, 2008. p. 77-88.

[16] Informações obtidas por meio de conversa informal com o Sr. Henrique Bertholino, em contato inicial para entrevista.

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Para endossar essa ideia usamos um trecho do relato do Sr. Ricardo César:

> "Esse negócio da barragem estourar, é porque como o Minas era um clube de muita freqüência, explodiu para os outros clubes 'de cara'. Porque não dava aqui. Quando o cara vinha aqui e não conseguia jogar porque não tinha quadra... A partida demorava, o cara tinha que ir embora, tinha horário, tinha que trabalhar: 'Vamos embora'. E ele não jogava. Então, ele levava para o clube dele."

Com essa disseminação nos clubes de Belo Horizonte podemos afirmar que a Peteca ganhou espaços na cidade e a partir disso foi levada para outras cidades brasileiras, e até mesmo outros países, como foi o caso da França, como relatado pelo Sr. Inimá Rodrigues, e da Espanha, como mostra o trecho da entrevista com o Sr. Francisco Viotti:

> "Eu estava em uma viagem, estava na Espanha e estava saindo de uma cidade para Madri [...] Tinha um posto de gasolina com uma pousada, que agora chama lá Parador [...] entrei e perguntei se tinha uma opção de dormir lá [...] Aí eu sei que veio me atender e quando eu olhei tinha uma caixa registradora e uma peteca em cima dessa caixa registradora."

A década de 1960, de acordo com nossos depoentes, foi muito marcada por esse *trânsito de culturas* nas várias cidades brasileiras que, conforme Eduardo Paiva (2008), é o "movimento constante de produções, manutenções e adaptações" entre elementos culturais diversos que são trocados entre diferentes sujeitos. Muitos foram os responsáveis por fazer essa mediação, podemos citar, por exemplo, o Sr. Enéas Nóbrega, o Sr. Milton Henrique Bento Faria, e o Sr. Inimá Rodrigues Souza. Cidades mineiras como Juiz de Fora, Uberlândia, Uberaba, Divinópolis, Ouro Preto, Itajubá, e de outros estados como Bertioga/SP, Goiânia/GO, Brasília/DF e São Paulo/SP conheceram a Peteca nesse período e até hoje participam de campeonatos da modalidade (FEMPE, 2011a).

Vale também ressaltar a confecção artesanal do objeto peteca. Primeiramente o Sr. Outorgantino Magalhães Dias, conhecido como Tote, começou a fabricação artesanal desse objeto em meados da década de 1960. Ele foi um jogador de Peteca que se destacou por fabricar as petecas para seu grupo de amigos petequeiros. A procura por seu trabalho passou a aumentar já que a demanda pela prática cresceu. Com isso ele iniciou um processo sistemático de produção desses objetos e pode ser considerado um dos pioneiros nessa atividade, produzindo-os e distribuindo-os entre os praticantes, como relatado por seu filho Udmar Micheletti, em 2009.

Em meados da década de 1970, o senhor Mário Gomes, ex-jogador de Peteca, e sua esposa Neide Gomes começam a fabricar a peteca *Toque*, pois sentiam a necessidade de se ter mais petecas entre os praticantes[17]. Segundo ela, somente as fabricadas por Tote não davam conta de suprir a demanda existente em Belo Horizonte e em outras cidades. Posteriormente, de acordo com D. Neide, surgem as petecas

[17] Informação obtida por meio de conversa informal com a Sra. Neide Gomes, em contato inicial para entrevista.

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

industriais, confeccionadas em larga escala pela *Pequita* e pela *Bonfim Sports*, provocando a redução na confecção das artesanais.

Essa crescente demanda pela prática tanto em Minas Gerais quanto em outros estados brasileiros permitiu que esse jogo se tornasse um esporte. Em 1974 a FECEMG, sob presidência de Milton Henrique,

> "encaminhou ao Conselho Nacional de Desportos, através do Conselho Regional de Desportos, ampla documentação constando a regulamentação, modelo de peteca, rede, fotos, solicitando àqueles órgãos a aprovação das regras e reconhecimento como esporte através do ofício 047 de 1974. [...] Foi então fundada a Federação [Mineira de Peteca] no dia 14 de julho de 1975." [18]

Nas décadas de 1970 e 1980, a criação da FEMPE e o crescimento do esporte em outros estados deram o impulso para a fundação de outras Federações de Peteca em todo o Brasil. Podemos observar, no entanto, uma lentidão no processo de oficialização da modalidade que só foi possível, como relatado na entrevista com o Sr. Milton Henrique, "após os trabalhos realizados pelos diversos dirigentes da federação mineira [e] foi, finalmente, o jogo de peteca reconhecido oficialmente como esporte pelo CND em 27 de agosto de 1985", conforme Deliberação nº 15/85 do CND.

Com esse reconhecimento esportivo a Peteca recebeu novas regras e regulamentos que possibilitou a realização do I Campeonato Brasileiro de Peteca, em 1987, no Pampulha Iate Clube, em Belo Horizonte (FEMPE, 2011b). Fato curioso é que a Confederação Brasileira de Peteca foi fundada somente no ano 2000. Podemos nos perguntar, portanto quem era o responsável, até este ano, por realizar o Campeonato Brasileiro, já que não havia ainda a CBP. O regulamento emitido pela CBP em novembro de 2010 obtida no site da mesma, aprova a modificação do Campeonato Brasileiro de Peteca. Pudemos apreender, com a leitura desse regulamento, que são responsáveis pela realização do evento anual a Federação do Estado escolhido para sediar o campeonato, o que provavelmente já ocorria antes da criação da CBP (*online* CBP, 2010).

No que se refere à disseminação da prática da Peteca em Belo Horizonte fora dos clubes elitistas, podemos indicar o *Campo do Lazer*, localizado onde era o Campo de Futebol do Atlético Mineiro, região privilegiada da cidade. Esse espaço foi indicado por nossos depoentes como um local de relevância no sentido de levar a Peteca para fora dos clubes, por ser aberto ao público e agregar pessoas das mais diferentes classes sociais e dos mais variados bairros de Belo Horizonte. Esse *Campo* começou a funcionar na década de 1980 e foi destituído de suas atividades em 1994, quando no local foi construído um Shopping Center. É recorrente nos discursos dos entrevistados a afirmação da necessidade de se ter um espaço público como o *Campo do Lazer* que possa assumir a função de disseminar o esporte fora do âmbito clubístico e de revelar novos talentos para essa modalidade esportiva.

Para o Sr. Inimá Rodrigues, com a desativação do *Campo do Lazer*, a prática da Peteca voltou a ser restrita aos clubes, e quase não se vê crianças e jovens praticando o esporte como na década de 1980. Esse é um ponto que carece de mais estudos, já que, ao falar de Peteca, nos referimos a um esporte e a uma prática genuinamente brasileira (LOYOLA, s/d), e, portanto, parte de nossa cultura, que deve ser

[18] Milton Henrique Bento Faria. Depoimento Oral. 2010 – Leitura de um trecho da ata de fundação da FEMPE, por Dona Marluce. Documento cedido ao CEMEF pelos entrevistados.

Disponível em: http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/index
ISSN 2175-5930

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

conservada. No entanto, esses são problemas de outra natureza que devem ser tratados por meio de pesquisas específicas e intervenções políticas.

É importante também, para esse estudo, abordar a prática esportiva realizada pelas mulheres, que se iniciou timidamente. É contraditório pensar nisso se levarmos em conta que o início da prática da Peteca no Iate Golf Clube foi marcada por um estigma de ser considerada "coisa de mulher". Então, mesmo tendo-se esse estigma a Peteca ficou restrita à prática masculina, e só depois se tornou abrangente ao público feminino, sendo parte de torneios e campeonatos realizados também pelas mulheres, como a Copa Itaú de Peteca, que era disputada no *Campo do Lazer*. Dentre as mulheres que praticavam o esporte podemos citar Marta Miráglia, Vera Lúcia, Irene Gasparini, Marluce Monteiro, entre outras.

A crescente participação do público feminino nesse esporte fez com que a confecção de petecas se modificasse para atender às suas necessidades peculiares, como por exemplo, o peso da peteca, que era mais leve para as mulheres. Dessa forma, podemos observar a existência de petecas masculinas, mais duras e mais rígidas, e de petecas femininas, com uma base mais macia, evitando que as mãos das mulheres se machucassem. Podemos indagar, com isso, se essa modificação no objeto peteca se deu para a manutenção da prática feminina no esporte ou se podemos encontrar aí traços de certos preconceitos arraigados nessas ações, já que define objetos específicos para homens e mulheres.

Outro ponto a ser tratado se refere à mudança das regras do jogo e das dimensões da quadra de Peteca[19]. Podemos dizer que, de acordo com os entrevistados Inimá Rodrigues e Carlos Rogério essa mudança de regras tornou o jogo de Peteca mais dinâmico e mais apreciável pelo público: "Não era mais uma coisa de esperar a peteca cair era necessário fazê-la cair"[20].

Por meio dessas análises, podemos considerar a Peteca como uma prática instituída em Belo Horizonte a partir da década de 1940, quando começa a ser praticada pelos remadores do Iate Golf Clube. Essa atividade, então, ganhou visibilidade dentro da cidade e passou a ser conhecida em âmbito nacional e internacional. Houve uma demora até chegarmos à oficialização legal como modalidade esportiva, que só ocorreu em meados da década de 1980. Essa demora pode ser explicada se levarmos em consideração que a Peteca era vista como uma segunda modalidade, já que seus praticantes eram oriundos de outros esportes. Isso pode ter conferido uma menor importância à modalidade.

O contato com os depoentes possibilitou conhecermos ainda as experiências femininas nessa modalidade; a forma como a peteca era confeccionada nas décadas de 1960 até chegarmos aos moldes atuais; os diversos locais onde ocorriam a prática da Peteca, em clubes particulares e espaços públicos; e as mudanças das regras que ocorreram através dos tempos. Assim, percebemos que essa prática passou por inúmeras transformações e que ainda está em constante modificação.

Considerações Finais

Esse estudo, ainda em andamento, nos permite construir uma versão para a história da prática de Peteca em Belo Horizonte. Ainda que a História Oral tenha limitações ela apresenta a possibilidade de conhecermos um novo viés acerca de determinado fenômeno.

---

[19] Esse assunto foi abordado no trabalho ALMEIDA, Ana Paula Guimarães.; SANTOS, Renato Machado dos.; LINHALES, Meily Assbú.; CORRADI, Gabriela Fischer Fernandes. Eu vou te contar uma história... Memórias da Peteca em Belo Horizonte (1940-1980). XVI Congresso Nacional de Ciências do Esporte. Salvador/BA: 2009.

[20] Inimá Rodrigues Souza. Depoimento Oral. 2010

XVII CONBRACE
IV CONICE 2011
11 A 16 SET | PORTO ALEGRE
CIÊNCIA & COMPROMISSO SOCIAL
IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

O que abordamos neste artigo foi a versão que construímos a partir das fontes analisadas, considerando-se as peculiaridades de nossa lente de pesquisador. Com a produção e divulgação dessas fontes na Coleção História Oral do CEMEF será possível a construção de outras narrativas a partir de novos olhares.

A Peteca é mencionada pelos colaboradores como um *aglutinador de pessoas*, tendo seu circulo de amizade balizado por essa prática. Além disso, pontuam que essa atividade gerou inúmeras transformações, tanto em suas vidas quanto na dinâmica da cidade.

Vale ressaltar que Belo Horizonte viveu uma grande transformação em sua construção urbanística, nesse processo foram implementadas quadras de Peteca aos projetos residenciais, a partir da década de 1980. Nesse período, de acordo com os depoentes, a Peteca viveu seu *momento de ouro*, já que era praticada por inúmeras pessoas em diversos locais da cidade.

Conhecer a história da prática da Peteca é conhecer detalhes e particularidades na cidade de Belo Horizonte. Considerando que a memória social é extremamente importante para qualquer sociedade, já que, de acordo com Le Goff (1997), "quando uma nação perde a consciência do seu passado ela deixa de existir" e, ainda:

> [...] a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. [...] Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (p. 47).

É por sermos conscientes dessa importância que nos debruçamos em desvendar a história da esportivização dessa prática em Belo Horizonte.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Eduardo Borges; PROCÓPIO, Mário Marcos. *O Jogo da Peteca:* Mantenha sua forma física divertindo-se. Belo Horizonte: Comunicação, 1980.

ARANTES, Gabriela Villela. *A História do Handbol em Belo Horizonte (1960- 1980).* Monografia de Graduação. Belo Horizonte: EEFFTO/UFMG, 2010.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CBP – Confederação Brasileira de Peteca. *Formatação do Campeonato Brasileiro de Peteca – 2011.* Uberlândia: CBP, 2010.

DE PAULA, João Antônio; MONTE-MÓR, Roberto Luis. Formação Histórica: Três momentos da História de Belo Horizonte. *In:* LEMOS, Mauro Borges (et. al.) *Projeto Belo Horizonte no século XXI.* Belo Horizonte: CEDEPLAR/FACE/UFMG, 2004.

FEMPE - Federação Mineira de Peteca. *Histórico da Peteca.* 2011a – Disponível em http://www.fempe.com.br/. Acesso em 13/03/2011.

_____ - Federação Mineira de Peteca. *Eleição e Posse – Discurso do Presidente da CBP Marcio Alves Pedrosa.* 2011b – Disponível em http://www.fempe.com.br/. Acesso em 02/04/2011.

LE GOFF, J. Memória. *In:* LE GOFF (org.) *Enciclopédia Einaudi: Memória – História*, vol.1. Imprensa Nacional: Casa da moeda, 1997.

LOYOLA, Holanda. *Pequenos Esportes.* São Paulo: Cia. Brasil Editora, s/data.

PAIVA, Eduardo F. Transito de Culturas e Circulação de Objetos no mundo Português – Séculos XVI a XVIII. *In:* PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira. (Orgs.) *Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas.* São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Pós-Graduação/História - UFMG, 2008. p.99-122.

PEREIRA Jr., Cícero Cerqueira. *Peteca:* Esporte ou Recreação? 2ª ed. Brasília: INDESP, 1996.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. Belo Horizonte ou o estigma da cidade moderna. *In: Varia História*, Belo Horizonte, n° 18, Set/1997, p. 61-66.

REVISTA Educação Physica. *Um Esporte Brasileiro A Peteca.* Rio de Janeiro: n. 12, 1937.

RODRIGUES, Marilita A. Arantes. Trilhas históricas da Peteca mineira: brinquedo, jogo ou esporte? *In:* WERNECK, Christianne L. G. (et. al.) *Coletânea do IX ENAREL - Encontro Nacional de Recreação e Lazer.* Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997.

SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. Cativos da Arte, Artífices da Liberdade: A Participação de Escravos Especializados no Barroco Mineiro. *In:* PAIVA, Eduardo França; IVO, Isnara Pereira. (Orgs.) *Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas.* São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Pós-Graduação/História - UFMG, 2008. p. 77-88.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado* – história oral. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. História oral e contemporaneidade. *História Oral:* Revista da Associação Brasileira de História Oral. São Paulo, n. 05, junho de 2002.

FONTES

Entrevistas

ASSIS, Ricardo César. Depoimento V (2010). Belo Horizonte: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE E DO LAZER/EEFFTO/UFMG, 2010.

BENTO FARIA, Milton Henrique. Depoimento III (2010). Belo Horizonte: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE E DO LAZER/EEFFTO/UFMG, 2010.

DIAS, Udmar Michelletti. Depoimento V (2009). Belo Horizonte: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE E DO LAZER/EEFFTO/UFMG, 2009.

PIROLLI, Gil. Depoimento VI (2010). Belo Horizonte: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE E DO LAZER/EEFFTO/UFMG, 2010.

SOUZA, Inimá Rodrigues de. Depoimento I (2009). Belo Horizonte: CENTRO DE MEMÒRIA DO ESPORTE E DO LAZER/EEFFTO/UFMG, 2009.

_____, Inimá Rodrigues de. Depoimento I (2010). Belo Horizonte: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE E DO LAZER/EEFFTO/UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Carlos Rogério. Depoimento II (2010). Belo Horizonte: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE E DO LAZER/EEFFTO/UFMG, 2010.

VIOTTI, Francisco. Depoimento IV (2010). Belo Horizonte: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE E DO LAZER/EEFFTO/UFMG, 2010.

Endereço Ana Paula Guimarães: Rua Guilherme Reis, 247/8 – Xangri-lá – Contagem/MG.
E-mails: anapaulag@ufmg.br/ macrenato@hotmail.com
Recurso tecnológico: *Data show*.